

cultural



REVISTA DA
APM

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – **Coordenação:** Guido Arturo Palomba – **Novembro 2005 Nº 164**

75 anos



Certidão de
Nascimento
da APM

p.2

As sedes

p.6-7

Caciporé Torres

*Artista plástico
convidado para o
aniversário da APM*

p.4-5

Associação Paulista de Medicina

certidão de nascimento

Guido Arturo Palomba

Introdução

A primeira instituição médica paulista, Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, foi fundada em 7 de março de 1895, por 43 médicos, liderados por Luiz Pereira Barreto (em 1954, dadas as suas características, passou a chamar-se Academia de Medicina de São Paulo). Eram apenas 50 cadeiras. Decorridos mais de 30 anos, a cidade de São Paulo contava apenas com esta Sociedade de Medicina, mais a Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina e o Sindicato Médico Paulista.

A Sociedade de Medicina continuava muito fechada, pois seus portões só se abriam no caso de falecimento de um de seus 50 membros; a Associação dos Antigos Alunos somente admitia os que haviam se formado na Faculdade de Medicina de São Paulo, e o Sindicato Médico Paulista (fundado em fevereiro de 1929, só oficialmente reconhecido em 29 de maio de 1941) não conseguia reunir em seu seio a maioria dos médicos.

Ressalte-se que a cidade de São Paulo, no final da década de 1920, era uma metrópole fantástica, moderna, com iluminação elétrica, chaminés de fábricas, grandes magazines, automóveis cujas buzinas eram símbolos de sua grandeza. Havia teatros e cinemas, as artes plásticas em *avant-garde*. A cidade atingira a cifra de um milhão de habitantes.

A importância de Alberto Nupieri e Rubião Meira

Nesse ambiente de acelerado crescimento sociocultural e populacional, destacava-se a figura do médico Alberto Nupieri, que deflagrou uma verdadeira peregrinação, de consultório em consultório, para que outros escultores se juntassem à cruzada para a fundação de uma entidade “sem qualquer restrição ao número de titulares, a não ser moral”. Nupieri, em suas intermináveis andanças, saiu-se vitorioso e logo conseguiu obter a colaboração primordial de renomados médicos: Oscar Monteiro de Barros, Potiguar de Medeiros,

Cesário Matias, Felipe Figliolini, Barbosa Corrêa, Jaime Pereira, Felício Cintra do Prado, José Medina, F. A. Delape, Marcos Lindenberg e Domingos Rubião Alves Meira. Este último foi quem convocou a Assembléia de Fundação, presidindo-a, o que ocorreu em 29 de novembro de 1930.

Do nascimento e do nome

Às 21 horas do dia 29 de novembro de 1930, 140 médicos reuniram-se no anfiteatro da Faculdade de Medicina de São Paulo, na Rua Brigadeiro Tobias, 42, para a sessão de fundação de uma nova Entidade Médica. Na presidência estava Domingos Rubião Alves Meira.

Na Ata Inaugural registra-se que, logo no início dos trabalhos, foi apresentada e aprovada uma proposta, assinada pelos doutores Barbosa Corrêa, Alberto Nupieri e Nestor Reis. Lida por Nupieri, continha as seguintes proposições: “Os fins da sociedade serão manter um departamento científico, organizar congressos, promover concursos, distribuir prêmios, publicar um jornal, manter uma biblioteca médica, manter um clube médico”. A seguir, o presidente Rubião Meira convidou os presentes a darem sugestões para a denominação da nova entidade. Doutor Marinho sugeriu: Centro Médico de São Paulo;

doutor Genésio da Silva: Silogeu Médico; doutor Felício Cintra do Prado: Associação Médica Paulista; doutor Ferraz Alvim: Associação Paulista de Medicina; doutor Antonio Leão Bueno: Associação Médico-Cirúrgica de São Paulo. Encerrados os debates, as propostas foram submetidas à votação, tendo o seguinte resultado: Centro Médico de São Paulo, 35 votos; Silogeu Médico, três votos; Associação Médico-Cirúrgica de São Paulo, um voto; Associação Paulista de Medicina, 39 votos.

Consagrado o resultado, vários presentes manifestaram-se. Doutor Paiva Ramos disse: “A Associação Paulista de Medicina está talhada a ser a defensora da classe”. Doutor Ribeiro da Luz: “... será muito importante para a defesa dos doentes e do povo de São Paulo a nova Sociedade deve sobretudo objetivar fins altruístas”. Doutor Belfort de Mattos lembrou a conveniência da criação “da Casa do Médico”. Doutor Jairo Ramos enfatizou que “deve ficar patente a necessidade de só se admitirem no seio da Associação médicos de idoneidade moral e intelectual satisfatória”.

Doutor Rubião Meira, antes de encerrar a sessão, tornou patente a imensa satisfação que o estava dominando ao ver no recinto um grande número de seus ex-alunos. Para ele, era esse o prestígio que o cercava e o encorajava na luta pela vida e pela nova Associação. Prometeu envidar todos os esforços e dedicar toda a sua energia em prol da nova Associação e contribuir para que ela se tornasse, o mais breve possível, “um centro de atividades e de trabalho eficientes” (*Ata Inaugural*).

Hoje, 75 anos depois, os sonhos de seus criadores tornaram-se realidade.

Parabéns, Associação Paulista de Medicina.

Guido Arturo Palomba
Diretor Cultural da Associação Paulista de Medicina

Homenagem aos Médicos

Petrônio Stamato Reiff

○ nosso presidente, doutor José Luiz Gomes do Amaral, surpreendeu-me com um telefonema, dizendo que eu seria homenageado no dia 18, Dia do Médico, ocasião em que a APM premia médicos por serviços prestados à classe. Seríamos oito colegas ao todo, um deles, o doutor Albert Zeitouni, *in memoriam*. São tantos que a merecem! Haja placas de prata!

Eu, com meus botões, sinto que a homenagem vem para mim em demasia. Agradeço a honra de fazer parte do grupo escolhido. Estou gratificado e envaidecido. Isto tudo porque trouxe a muda do plátano de Hipócrates da Ilha de Cós para a Faculdade de Medicina, fato que já é de conhecimento de quase todos os senhores. O plátano tem dado tantos dividendos que parece ação da Vale do Rio Doce!

Havia estado na Ilha de Cós em 1975, numa segunda viagem de núpcias, com a mesma mulher, fazendo turismo e com a finalidade específica de conhecer a famosa árvore de 2.500 anos ou mais. Já naquela época, imaginei e sonhei com a possibilidade de conseguir uma muda do plátano para o jardim da minha Escola.

O tempo passou e, em 1994, retornamos à ilha, já decididos a conseguir a muda com a Municipalidade. O prefeito de então, senhor Constantinos Kaiserlis, foi muito atencioso e ofertou a planta oficialmente, com toda a documentação encaminhada em nome do professor Carlos Lacaz, diretor vitalício do Museu Histórico da Faculdade de Medicina. As conversações foram mediadas por gregos da família Lengos, senhor Michelis e senhora que tinham parentes em São Paulo. Ficamos amigos desde a primeira viagem à ilha.

OSONHO estava acontecendo! Lembrando Chaplin: “Sonho que se sonha só é só um sonho, sonho que se sonha junto é realidade!” Foi aqui que minha mulher entrou na história, decididamente solidária, prestando cuidados quase maternos à planta, na viagem de volta.

Chegando a São Paulo, entreguei a muda ao professor Lacaz. Foi ela tratada em viveiro da Faculdade até ficar em condições de ir para o campo. Finalmente, em 5 de junho de 1997, aniversário da morte de Arnaldo, ela foi plantada solenemente no jardim da Faculdade. Cresceu e lá está com belo porte, mas precisa ainda de cuidados continuados, que serão seguramente oferecidos pelo professor doutor Giovanni Cerri.

Lembro-me de meu pronunciamento na oportunidade, quando disse que o plantio oficial foi o “final feliz” de uma história de dois amores: um pela Faculdade de Medicina, a minha Escola, a “anima mater”; e o outro pela atração que sempre tive por árvores, em especial aquelas famosas, majestosas, lendárias. O sonho se realizou. Quis, com o plantio do plátano, homenagear também os meus colegas de turma – 1951 –, numerosos já falecidos.

O plátano está ligado a Hipócrates e ao seu juramento famoso, de todos conhecido. Em interessante artigo veiculado pela *Folha de S. Paulo*, creio que em 8 de fevereiro de 2004, doutor Drúzio Varela, eminente colega e escritor consagrado, questionou o aspecto sacerdotal do juramento de Hipócrates, repetido pelos médicos ano após ano. Lembrou ele que a medicina é uma profissão como outra qualquer e é respeitável mais pelo compromisso diuturno com os doentes que os procuram e pelo esforço em melhorar a saúde das comunidades em que atuamos. Fez comentários sobre a necessidade de salários dignos para perdermos exercer satisfatoriamente a nossa profissão, exercitá-la com proficiência e acompanhar seus progressos. Terminou escrevendo que CURAR é finalidade secundária da medicina; o objetivo maior é ALIVIAR o sofrimento humano. E eu lembro que medicina, se não cura, sempre suaviza, tranqüiliza e ajuda a “espichar” a vida, no dizer de Josué Montello. E isto é uma grande verdade: num belo dia nascemos, noutra iremos morrer. Mas se isto for prorrogado com delicadeza e sem sofrimento, já é “meio caminho andado” ...

Gostei do artigo, concordo com quase tudo o que ele escreveu, mas não abro mão do juramento – é uma tradição que enfeita o início da vida do formando.

Todos nós precisamos de um NORTE, uma ESTRELA-GUIA, enquanto caminhamos vida a fora.

Para os médicos, o Juramento de Hipócrates parece ter vindo de encomenda, com os princípios éticos elaborados, mais com o tom de apelo do que de obrigação e com um modelo de conduta que podemos aceitar.

Além disso, a promessa de exercer a profissão com honestidade, caridade e amor à ciência. O professor Luiz Decourt, discursando para formandos em medicina, disse: “A HONESTIDADE, a CARIDADE e a

CULTURA CIENTÍFICA devem formar o núcleo indeformável da personalidade do médico”.

Tenho um postal do *Esculapium*, ruínas do Hospital de Hipócrates, em Cós. Nele, vêem-se pedras que limitavam um antigo aposento, sobra de uma casa velha, milenar, quase destruída. Eu as vi no local. Segundo o guia, correspondiam à antiga caixa forte de Hipócrates, que necessitava juntar economias, pois “não era de ferro” e tinha família para cuidar.

Ainda com espírito jocoso, o mesmo guia acrescentou que, no tempo de Hipócrates, a população da Ilha de Cós era de 150 mil habitantes e, atualmente, é de apenas 15 mil. Indagado sobre o motivo desta discrepância, respondeu-me que “naquele tempo os médicos eram melhores”.

Comemoramos hoje o dia de São Lucas. Dizem que era grego e o único dos apóstolos que não tinha origem judaica. Foi autor do Terceiro Evangelho e dos Atos dos Apóstolos. No Terceiro Evangelho, são mencionadas muitas técnicas de escolas médicas gregas. Era companheiro de São Paulo e chamado, na Epístola aos Colossenses de “o Bem Amado Doutor”. Pouco se sabe sobre sua vida. Conforme a tradição, era MÉDICO e PINTOR.

Quero cumprimentar os doutores Giovanni Guido Cerri e José Luiz Gomes do Amaral, que fecundaram o plátano e conseguiram rebentos que estão sendo ofertados às escolas médicas do Estado. Fico feliz com isso. Aos outros homenageados, doutores Abrahim Dabus, Hans Wolfgang Halbe, Manoel Reis Gonçalves Salvador, Spartaco Vizzotto, familiares do doutor Albert Zeitouni, meus cumprimentos pela homenagem.

Termino rendendo um preito a todos os médicos que labutam neste nosso sofrido Brasil, repetindo o último terceto do poema de Álvaro de Albuquerque: Ao Médico.

*“Mas, se esse poema, acaso te enterece,
Ama teu médico, através da vida!
Lembra-te dele, ao menos numa prece!”*

Petrônio Stamato Reiff
Médico cirurgião em Bebedouro



CACIPORÉ TORRES

Intuição e Razão

Guido Arturo Palomba

Caciporé de Sá Coutinho De Lamare Torres, o grande Caciporé das esculturas maravilhosas, chocantes e intrigantes obras de arte, com refinadíssimo senso estético. Obras que, ao serem contempladas, causam, de imediato, impacto pela forma, pelo acabamento escolhido, pela cor (a vermelha é especial), pelo equilíbrio formal do conjunto.

As que têm grandes dimensões – existem cerca de 80 localizadas em logradouros públicos de diversas cidades do Brasil, como estações de metrô, praças, museus, par-

ques – apresentam mais um atributo: integração com o espaço arquitetônico, com o qual interagem.

Não há escola de arte que possa defini-lo. É um artista absolutamente único, com linguagem própria, que usa aço (sua principal matéria-prima) e solda para espelhar a própria alma e ser fiel aos aspectos que a tocam. Puro e genuíno, daqueles que vêm ao mundo tocados pela genialidade, produz por necessidade vital de produzir. As obras nascem inicialmente da intuição, altamente aguçada, passam pela disciplinadora razão (elaboração de *croquis*), para atingir o ponto máximo na execução do trabalho, que deverá ter harmonia, equilíbrio e integração.

Ao atingir esse clímax, Caciporé dá a construção por terminada e realiza-se esteticamente: “Cada trabalho é como se fosse o meu primeiro trabalho: vem a inicial inquietação criativa, algo que tem que ser feito, realizado, e a realização é chegar onde quero”, a lembrar os gregos, que diziam que a musa fecunda o gênio, deixa-o prenhe, e então terá de dar à luz o filho; enquanto não o fizer, não há sossego possível: é a inquietação criativa dos artistas, prazerosa e orgástica, de que “sofrem” os verdadeiros poetas, músicos, escritores, pintores, escultores quando chegam aonde querem.

Ah!... os pinos, os intrigantes pinos, sempre presentes em suas esculturas: “São elementos do equilíbrio, compositivos, que se integram intimamente”.

Ah!... os pinos, os intrigantes pinos, sempre presentes em suas esculturas: “São elementos do equilíbrio, compositivos, que se integram intimamente”.



À esquerda (escultura, ano e localização).

À direita (escultura, ano e localização).



*Nome da escultura
ano e localização*



*Nome da escultura
ano e localização*



*Nome da escultura
ano e localização*



Nome da obra, ano e local de exposição



Nome da obra, ano e local de exposição

Desde criança a arte manifesta-se em sua fecunda vida e, hoje, maduro, tem um pesado currículo, com exposições nas Bienais de São Paulo e de Veneza, e Quadrienal de Roma, bem como exposições na Suíça, no Iraque, na Venezuela, nos Estados Unidos, no Paraguai, na Austrália.

Caciporé Torres participou de importantes mostras no MAM, Masp, Mube, MAC, em cujos museus se encontram, no acervo permanente, obras suas.

Seus trabalhos são muito valorizados nos mercados de artes (nos Estados Unidos são comercializados pela galeria Durban Segnini, em Miami), em face da procura constante dos colecionadores, que os disputam em concorridos leilões.

Agora, médicos, distintos familiares e convidados, podemos apreciar as geniais obras de Caciporé Torres – na Associação Paulista de Medicina, que as expõe em sua sede –, artista plástico especialmente convidado para abrilhantar o aniversário de 75 anos da APM.

Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural da Associação Paulista de Medicina

75 anos DE ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Guido Arturo Palomba

Suas sedes

Na Rua Brigadeiro Tobias, 42, no anfiteatro da Faculdade de Medicina de São Paulo, no dia 29 de novembro de 1930, às 21h, 140 médicos fundaram a Associação Paulista de Medicina

(APM). Desta data até setembro de 1931, as sessões ocorreram no endereço no qual se dera a fundação.

Decorriam os dias, crescia o entusiasmo pela nova Associação, e o quadro social dilatava-se. Era preciso, pois,

cuidar da sede. O novo local escolhido não podia ser mais feliz: Prédio Martinelli, na Rua São Bento, 51.

O endereço era importante, pois o prédio, construído entre 1922 e 1930, com 25 andares e 100 metros de altura, todo de concreto armado, era a imagem do vigor de São Paulo.

O andar escolhido, 13º, ainda não estava terminado e o seu proprietário prontificou-se a realizar adaptações e divisões, cuja planta fora traçada pelo grande arquiteto modernista Gregory Warchavtchik. Os mínimos detalhes foram objeto de estudos. Nenhuma aberração artística: “A harmonia do conjunto foi observada com uma felicidade invulgar e cada dependência da sede se apresenta uma harmonia própria consoante o fim a que se destina. Ao penetrar nela, a vista mergulha no mais suave e no mais artístico dos ambientes. A fina pintura do teto, o desenho dos pisos, a cor das ricas e modernas cortinas, o original atraente dos tapetes, tudo se casa na mais feliz das combinações. O estilo do mobiliário obedeceu ao mesmo padrão e suas cores acompanham também as mesmas exigências artísticas”, como vem descrito no primeiro número da *Revista da Associação Paulista de Medicina*, lançada em janeiro de 1932, tendo por redatores Barbosa Corrêa, Santos Abreu e Durval Marcondes.

No entanto, com o correr dos anos, o espaço físico da sede tornou-se pequeno em face do número de associados. Em 26 de maio de 1943, a Associação Paulista de Medicina tinha 1.200 sócios e reclamava uma sede maior.

Então, em fevereiro de 1944, mudou-se para a Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 393, 1º andar, edifício Julia Baldassarri, vizinho do antigo Cine Paramount, hoje Teatro Abril. Urgia construir a sede própria.



Prédio da APM em 1951 (ano de sua inauguração).

Aquisição do terreno da sede própria

O impulso prático inicial para este desiderato foi dado durante o biênio 1943-1944, sob a presidência do professor Oscar Monteiro de Barros. Neste período, além do excelente trabalho administrativo que elevou as disponibilidades pecuniárias da Associação, foi conseguida, do Governo do Estado, uma subvenção no valor de Cr\$ 2 milhões.

Na reunião de Diretoria de 19 de setembro de 1945, agora sob a presidência de Jairo de Almeida Ramos, noticiou-se a aquisição de um terreno próprio para as novas e definitivas instalações da sede, cuja conquista foi possibilitada “pela contribuição do Governo Estadual, com a doação recente da importância de Cr\$ 2.500.000,00 (dois milhões e quinhentos mil cruzeiros)”.

Eregimento do prédio-sede

Em 7 de agosto de 1947, os sócios da APM reuniram-se em Assembléia Geral Extraordinária, na Biblioteca Municipal de São Paulo, na Rua da Consolação, 90, para debater os meios necessários para construir a sede da Associação. Concluíram, que em parte, seria com verba própria, em parte, com financiamento da Caixa Econômica Federal, que oferecia a quantia de Cr\$ 6,877 milhões, com juros de 9% ao ano, pagáveis em 15 anos. A proposta foi prontamente aprovada, dadas as condições favoráveis à empreitada.

Em 21 de fevereiro de 1948, às 17h 30, ocorreu o lançamento da pedra fundamental do edifício-sede, na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 274 (depois, renumerado 278). Nesse mesmo dia, foi batida a primeira estaca para consolidação do terreno.

A previsão era de que o prédio ficasse pronto em janeiro de 1950, de acordo com o contrato assinado com a companhia construtora Camargo e Mesquita, tendo por arquiteto Eduardo Kneese de Melo. No entanto, houve uma certa dificuldade orçamentária de financiamento, e o cronograma inicial



Aspectos da APM própria, em desenho.

foi reprogramado para que a obra fosse concluída em janeiro de 1951, quando ocorreria, nas novas dependências, o III Congresso da Associação Paulista de Medicina.

Inauguração da sede própria

O marco inaugural da sede coincide com a realização, em suas dependências, na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 274 (renumerada 278), do III Congresso da Associação Paulista de Medicina, que ocorreu entre os dias 22 e 28 de janeiro de 1951. Foi um grande sucesso. Planejado com esmero, constituiu, sem dúvida, acontecimento marcante para a classe médica de São Paulo e do Brasil. Foi também um sucesso médico-social, reunindo 2.680 participantes.

Novembro de 2005, passados 75 anos da fundação da APM, é possível dizer que o sonho de seus criadores concretizou-se e esplendeu muito, pois sonharam uma associação que fosse padrão de glória para São Paulo, e hoje é, sim, padrão para o Estado, mas também para todo o Brasil.

Parabéns, APM!

Guido Arturo Palomba
Diretor Cultural da Associação
Paulista de Medicina

Aprendemos a ser éticos

Homenagem aos doutorandos da 32ª turma da Faculdade de Medicina do ABC

Luciana Cardozo de Mello Tomanik Tucunduva

Uma das perguntas mais difíceis que já ouvi foi feita logo no início do primeiro ano, quando tudo era muito novo e a Faculdade se resumia, para nós, ao prédio da Morfologia, o prédio dos calouros, praticamente inaugurado com a nossa turma, a XXXII da Faculdade de Medicina do ABC.

Era uma aula de Psicologia Médica e o professor perguntou quais eram as quatro coisas mais tristes da vida. A sala concordou que deveriam ser a doença, o sofrimento, a dor e a morte. Em seguida, o professor questionou: “E por que vocês decidiram passar a vida tão próximos delas?”

Venho pensando sobre isto desde então.

Nesses anos, fizemos inúmeros colegas, muitos amigos, alguns irmãos. E o que nos une é um conjunto de emoções extremamente diverso.

É claro que foram inesquecíveis – e fundamentais – todos os churrascos da sala, as “choppadas”, os ensaios da bateria; desde o início de nossa história, quando os meninos usavam o cabelo cortado ao meio e pintado de vermelho, até os dias de hoje. A fanática e incansável torcida e as grandes vitórias (muito bem comemoradas) nas seis Intermeds, os pagodes com o Sorriso, as fotos, as festas, os Lelos. Compor o hino da sala e cantá-lo em todas estas ocasiões; fazer um trabalho e comemorá-lo na Festa do Congresso, e mais uma infinidade de ótimas recordações que não caberiam em uma única noite.

Mas provavelmente o que mais nos une são as experiências que só um estudante de Medicina pode conhecer.

Aquelas que se iniciam com o estudo dos ossos (e a descoberta de que aquele buraco que parece aleatório tem um nome e por ali passa uma estrutura importante), o costume com o desagradável cheiro de formol, o primeiro contato com o cadáver, com o laboratório, com a técnica cirúrgica. A estranha sensação de aprender a conviver com o lado mais frágil do ser humano em uma fase tão precoce de nossas vidas. E, então, a maturidade que se impõe quando se inicia o real contato com os doentes.

Como esquecer o primeiro plantão, a sensação de vagar sozinho de madrugada no corredor vazio do hospital, à procura de um carimbo. Ou a estupefata impotência ao não saber absolutamente como agir diante de uma parada. E a dificuldade em lidar com a morte, ali, escancarada.

Como explicar, ao mesmo tempo, a emoção do primeiro parto, de descobrir e exclamar “como é liso!”, e ser a primeira pessoa a olhar e a encostar em alguém no momento do seu nascimento.

E a realização ao receber a gratidão dos pacientes, pessoas simples e sinceras que, com um presente ou com algumas palavras, transformam dias difíceis em momentos marcantes.

Por falar neles, aproveito para agradecer a todos os pacientes, verdadeiros cúmplices de nossa inexperiência, e absolutamente fundamentais em nosso aprendizado.

Agradeço também, como não poderia deixar de ser, a nossos pais, irmãos e amigos, que souberam ser compreensivos e nos ajudaram no momento em que nos questionamos se a Medicina tinha sido mesmo a escolha certa.

Nosso muito obrigado a todos os professores, um pouco “pais”, e aos residentes, nossos veteranos que muito nos auxiliaram a lidar com as dificuldades de ser um “interno”. E, é claro, à Faculdade de Medicina do ABC, nossa querida MED ABC.

Temos muito orgulho de compor a turma que participou ativamente de importantes mudanças e do visível crescimento de nossa Faculdade, desde a ampliação da Atlética e da construção da tão sonhada quadra até a reforma curricular e a reestruturação do internato.

Neste momento, que não deixa de ser uma despedida, saímos com a certeza de ter nesta Faculdade uma verdadeira casa, onde foram construídos os alicerces de nossa difícil profissão. Foi aqui que aprendemos a raciocinar e a nos comportar como médicos, a nos despir de preconceitos e valores individuais para enxergar o doente como um ser humano que não pode, em absoluto, ser julgado, mas, sim, amparado.

Aprendemos a questionar, a examinar e a medicar. Descobrimos a importância da Medicina Baseada em Evidências, sem esquecer, entretanto, que, em meio a tanta tecnologia e ao crescimento da literatura científica, nada substitui o contato e a relação médico-paciente.

Aprendemos a ser éticos.

Enfim, após seis anos, tenho a impressão de ter a resposta para aquela intrigante questão: escolhemos conviver com situações extremas como a doença, o sofrimento, a dor e a morte pela esperança de a nossa arte poder modificá-las; não com a pretensão de deuses, mas, sim, com a intenção de quem ama a Medicina e nasceu com fascínio pelo ser humano.

Luciana Cardozo de Mello Tomanik Tucunduva
Médica formada em 10 de novembro de 2005
pela Faculdade de Medicina do ABC

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore / Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinematoteca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.